



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Cessar-fogo desmorona com espiral de ataques

Estados Unidos voltam a bombardear o Irã, que retalia e lança mísseis contra interesses norte-americanos no Kuwait, Bahrein, Catar e Jordânia. Teerã denuncia crimes de guerra. Escalada coincide com o enterro do guia supremo

Pela terceira noite consecutiva, os Estados Unidos bombardearam o sul do Irã, pouco depois de milhões de iranianos tomarem as ruas de Mashhad para o enterro do aiatolá Ali Khamenei. Teerã reagiu com o lançamento de mísseis contra interesses americanos no Kuwait, no Bahrein e no Catar. A Jordânia, por sua vez, afirmou ter interceptado projéteis disparados em direção à Base Aérea de Muwaffaq Salti, no norte do país. “Se as Forças Armadas dos EUA repetirem a agressão, outras bases americanas na região não serão poupadas de fogo pesado”, anunciou a Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), espinha dorsal do regime islâmico.

A imprensa de Teerã também noticiou um bombardeio a uma base militar perto de Bushehr (centro-sul), sede da única usina nuclear em funcionamento do Irã, e ataque à cidade de Konarak (sudeste). A conexão ferroviária entre a capital e Mashhad, perto da fronteira com o Turcomenistão, foi interrompida depois de uma ofensiva aérea dos Estados Unidos. Em resposta, o Irã denunciou um “crime de guerra flagrante”.

A escalada é a mais grave desde 17 de junho, quando Washington e Teerã assinaram um memorando de entendimento que ampliava o cessar-fogo e preparava terreno para uma trégua duradoura. Na noite de ontem, o presidente americano, Donald Trump, telefonou para o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, para informá-lo sobre os “últimos movimentos” dos EUA no Golfo Pérsico. Mais cedo, Israel Katz, ministro da Defesa de Netanyahu, avisou que seu país está pronto para retomar a campanha militar contra o Irã “pela terceira vez, se necessário”. “Se tivermos que fazer isso de novo, faremos, e com ainda mais força”, prometeu.

Estreito de Ormuz

A mais recente espiral de ataques foi desencadeada por bombardeios atribuídos ao Irã contra pelo menos três embarcações no Estreito de Ormuz, estratégico corredor marítimo por onde transitam 25% do petróleo produzido no mundo. Badriyeh, dona de casa iraniana de 44 anos, moradora da cidade portuária de Bandar Abbas, relatou à agência France-Presse que o barulho das explosões foi

» Petróleo em queda

Os preços do petróleo fecharam em queda, numa reação à escalada do conflito. O barril de Brent do Mar do Norte com entrega para setembro recuou 2,20%, situando-se a US\$ 76,30. O equivalente americano, o WTI com entrega para agosto, retrocedeu 1,96%, a US\$ 72,08 o barril. Para Ipek Ozkardeska, analista da Swissquote, “os mercados se acostumaram às tensões e às perturbações no Estreito de Ormuz”. “O efeito surpresa é muito menor que no princípio, o que modera as reações dos investidores”, acrescenta.

“muito intenso” nas noites de terça e de quarta-feira. “À noite foi pior e as janelas de várias casas foram quebradas”, contou.

O tráfego no Estreito desacelerou notavelmente desde quarta-feira. Ontem, somente seis petroleiros cruzaram o canal, enquanto, na véspera, 21 fizeram a travessia. “Os operadores esperam para ver como a situação entre os Estados Unidos e o Irã evolui”, resumem os analistas da Briefing.com, empresa de projeção do mercado.

Alvos militares

Nos ataques de ontem, fontes ligadas ao Pentágono informaram que os EUA destruíram cerca de 90 alvos militares iranianos, incluindo sistemas de defesa aérea e depósitos de mísseis e de drones. Por sua vez, o Irã anunciou ter atacado com aeronaves não tripuladas um sistema interceptador de mísseis Patriot no Kuwait, um mecanismo de alerta antecipado no Catar e depósitos de combustível no Bahrein. De acordo com Teerã, as ofensivas inserem-se em uma campanha contra bases dos EUA no Golfo. Um alto funcionário da Defesa de Washington garantiu que as dezenas de mísseis e de drones lançados pelo Irã não provocaram danos ou ferimentos “significativos” ao pessoal americano.

Wakil Kohsar/AFP



Faixa estendida sobre prédio de Mashhad, durante funeral de Ali Khamenei, traz ameaça a Washington: “Nós mataremos Trump”

Funeral de Khamenei com pedidos de vingança

“Todo mundo aqui quer vingança”, afirmou à agência France-Presse (AFP) um iraniano que, assim como milhares de compatriotas, viajou até Mashhad para o enterro do líder supremo Ali Khamenei em sua cidade natal. Um avião civil escoltado por um caça levou o caixão até o aeroporto da cidade, no nordeste do Irã. Sob um calor sufocante, a multidão o aguardava para a etapa final de um funeral que foi tratado pelas autoridades como uma demonstração de força e de unidade nacional. Muitas mulheres de todas as idades se reuniram ao longo da avenida que leva ao santuário do imã Reza, o local mais sagrado do islamismo xiita no Irã.

Khamenei, que morreu aos 86 anos em um bombardeio conjunto de Israel e dos EUA, em 28 de fevereiro, foi sepultado no complexo islâmico decorado com mosaicos de cerâmica multicoloridos e

Wakil Kohsar/AFP



coroado por uma cúpula e um minarete dourados. Mojtaba Khamenei, filho e sucessor de Ali Khamenei, não compareceu ao enterro do pai, alimentando os rumores

sobre sua condição de saúde. Também não foi divulgada nenhuma declaração em seu nome desde o início das cerimônias, no sábado passado, em Teerã.

Iranianas acompanham o cortejo fúnebre com rosas e fotografia do guia supremo

A inteligência dos EUA suspeita que Mojtaba tenha ficado desfigurado após o ataque aéreo.

O funeral do homem que comandou a República Islâmica durante 37 anos ocorreu em um clima explosivo, após uma onda de ataques que tem como pano de fundo a questão da cobrança ou não de pedágios, por parte do Irã, pelo trânsito de navios no Estreito de Ormuz. Diante de um hotel chamado Miami, em Mashhad, uma enorme faixa exibia uma caricatura do presidente americano Donald Trump com uma recompensa oferecida por sua cabeça. Em outro prédio da cidade, outra faixa com a ameaça: “Nós mataremos Trump”.

GUERRA NO LESTE EUROPEU

OSCE acusa Rússia de militarizar 1,6 milhão de crianças ucranianas

» RODRIGO CRAVEIRO

Cerca de 1,6 milhão de crianças ucranianas estão submetidas à militarização por parte da Rússia em territórios ocupados e 20.610 foram deportadas ou transferidas à força pelas tropas de Vladimir Putin. A conclusão é de um relatório divulgado pela Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) e apresentado em Viena no âmbito do “mecanismo de Moscou”, que investiga violações dos direitos humanos. De acordo com o documento, a Rússia tem substituído a grade curricular das escolas nessas regiões ocupadas, eliminando o idioma ucraniano e preparando os jovens para futuramente combaterem nas fileiras russas. O dossiê cita um programa compulsório impulsionado por Moscou no jardim de infância, sob o nome de

Razvogory o Vazhnom (“Conversas sobre coisas importantes”), para incorporar narrativas pró-guerra na educação infantil. Ao mesmo tempo, as aulas para cadetes e as organizações juvenis militar-patrióticas ampliam a preparação pré-militar.

O documento atesta que o sistema de doutrinação e militarização das crianças ucranianas nos territórios ocupados começou a ser desenvolvido em 2014, quando a Rússia tomou a Península da Crimeia, e acelerou-se depois da invasão em larga escala, em fevereiro de 2022. A OSCE concluiu que esse sistema busca alterar a identidade de 1,6 milhão de menores. Em relação às crianças deportadas, muitas são colocadas em “famílias de acolhimento” ou submetidas à adoção de acordo com a lei de Moscou.

Em entrevista ao **Correio**, Maksym Maksymov — chefe da

Tetiana Dzhaforova/AFP



Mulher e filho perto de prédio destruído em Kiev: infância sob perigo

Coalizão Internacional para o Retorno das Crianças Ucranianas — explicou que a propaganda militar começa desde muito cedo. “Por volta dos 13 anos, o treinamento militar pode entrar no ambiente escolar, incluindo manuseio de armas, medicina tática e operação de drones. Os meninos podem receber avisos de pré-alistamento a partir dos 16 e, aos 18, ser recrutados para as forças que ocupam seu próprio país. Portanto, o problema não é apenas o sequestro de crianças. É que a Rússia está tentando remodelar quem elas são e prepará-las para viver, pensar e até mesmo servir dentro do sistema russo”, destacou.

Maksymov esclareceu que a militarização das crianças foi documentada ao longo do tempo por meio de famílias, dos menores que retornaram, dos professores, das instituições ucranianas, de

organizações da sociedade civil e do relatório da OSCE. “Os especialistas da OSCE analisaram leis russas, currículos escolares, programas oficiais, registros públicos, informações de fontes abertas, depoimentos e entrevistas. Eles também visitaram a Ucrânia e conversaram com instituições e pessoas que tinham conhecimento direto do que estava ocorrendo. O que eles descobriram é que a militarização não é acidental. Ela está incorporada ao sistema que a Rússia impôs nos territórios ocupados. Nas escolas, as crianças são expostas a livros didáticos de história russa, cerimônias com a bandeira, aulas obrigatórias pró-guerra e organizações militar-patrióticas como a Yúnarniya e o Movimento dos Primeiros”, disse. O ativista reforçou que não se trata de uma coleção de abusos isolados, mas de “uma política estatal deliberada”.